

A PERCEPÇÃO DOS PRATICANTES DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS SOBRE O SILENCIAMENTO DOS TERREIROS NA CIDADE DE OEIRAS-PI (2023-2025).

Discente: Euliny Vitória Vieira de Oliveira¹
Orientador(a): Dra. Pedrina Nunes Araújo²

RESUMO:

O presente artigo tem como objetivo analisar, no período de 2023 a 2025 referente ao período no qual ambos os terreiros se encontram estruturados e em funcionamento e diante disso analisar as percepções dos frequentadores de terreiro de Umbanda e Candomblé acerca do silenciamento que os sofrem na cidade de Oeiras, Piauí. É consenso que as religiões afro-brasileiras são silenciadas, e isto ocorre por conta das heranças coloniais. O presente estudo busca compreender como os praticantes dessas religiões se sentem a respeito desse silenciamento na cidade de Oeiras, conhecida por Capital da fé. Para realização do presente trabalho, foram feitas leituras de diversos autores como Reginaldo Prandi, Vera de Oxaguiã e Nicolau Pares. Ademais, utilizou-se a metodologia da história oral para entrevistar os frequentadores dos terreiros presentes na respectiva cidade. Por meio desse trabalho conclui-se que os preconceitos que os terreiros em Oeiras, Piauí sofrem é um problema sério e se torna mais visível ao ouvir relatos das vítimas. Esse artigo ao dar vez e voz para esses povos se expressarem, busca contribuir com o fim do apagamento dos terreiros na respectiva cidade e, além disso, fortalecer o direito dos atuantes se expressarem, possibilitando assim o surgimento de uma sociedade mais ampla no sentido de religiões e a promoção, através do conhecimento, do respeito a uma fé com ritos diferentes ao catolicismo oeirense.

Palavras chaves: Religiões afro-brasileiras, silenciamento, terreiros, Oeiras.

ABSTRACT

This article aims to analyze the period from 2023 to 2025, the period in which both terreiros were established and operating, and, therefore, to analyze the perceptions of Umbanda and Candomblé terreiro attendees regarding the silencing they experience in the city of Oeiras, Piauí. It is widely agreed that Afro-Brazilian religions are silenced, and this occurs due to colonial legacies. This study seeks to understand how practitioners of these religions feel about this silencing in the city of Oeiras, known as the Capital of Faith. This work involved readings from various authors, such as Reginaldo Prandi, Vera de Oxaguiã, and Nicolau Pares. Furthermore, oral history methodology was used to

¹ Graduanda do curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual do Piauí-UESPI/Oeiras-PI;

² Doutora em História pela Universidade Federal do Maranhão; Especialista em História e Cultura pela Universidade Federal do Piauí; Mestre em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí.

interview attendees of the terreiros in the respective city. This work concludes that the prejudice faced by terreiros in Oeiras, Piauí, is a serious problem and becomes more apparent when hearing accounts from victims. This article, by giving these people a chance and a voice to express themselves, seeks to contribute to ending the erasure of terreiros in the respective city and, furthermore, to strengthen the right of those involved to express themselves, thus enabling the emergence of a broader society in the sense of religions and the promotion, through knowledge, of respect for a faith with rites different from Oeiras Catholicism.

Keywords: Afro-Brazilian religions, silencing, terreiros, Oeiras.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende construir uma contribuição reflexiva no campo historiográfico acerca das religiões afro-brasileiras, visto que é observado um número reduzido de pesquisas e projetos que abarquem as experiências das religiosidades de origem africana. Busca-se por meio deste trabalho analisar e compreender a percepção do silenciamento que frequentadores de terreiros de Umbanda e Candomblé vivenciam na Cidade de Oeiras, Piauí. O recorte temporal concentra-se entre os anos de 2023 a 2025, período onde o terreiro de Umbanda e o de Candomblé já se encontravam estruturados e em funcionamento. Foi necessário, inicialmente, realizar um percurso teórico e metodológico para compreender o surgimento dessas religiões. Nesse contexto, as leituras que abordam informações desde o período colonial com foco no tráfico de escravizados foram fundamentais para fomentar o conhecimento acerca do Candomblé e Umbanda.

Por volta do século XVI iniciou-se o processo de colonização do Brasil e a escravidão africana fez parte deste processo. Além dos africanos, os indígenas que já se encontravam nas terras quando os colonizadores chegaram também foram escravizados. O Atlântico foi uma rota importante para a economia e expansão da Europa, o nascimento das rotas atlânticas foi crucial para circulação de pessoas e comunicação, mas também foi a partir das águas como “caminhos”, que surge o “Novo Mundo”. (THORNTON, 1992, p.54).

É importante esclarecer que, durante o período do tráfico de africanos, a África era composta por diversos povos, cada qual com suas especificidades culturais, linguísticas, religiosas, entre outras. O tráfico foi realizado de diversas partes do continente, com inúmeros africanos trazidos à força para uma terra desconhecida, sendo forçados a deixar de lado toda a sua cultura e tudo que para eles era sagrado.

Diante dos poucos estudos voltadas para as religiões afro-brasileiras, esse tema não deixa de ser necessário, pois é uma contribuição para um avanço na historiografia a respeito de tal assunto, portanto é nesse sentido que o projeto é elaborado. Vera de Oxaguiã, em seus estudos, discute todo o processo de criação dos terreiros de Candomblé e todo o desenvolvimento que um médium passa para se tornar um candomblecista. A escritora mergulha no universo dos terreiros e busca mostrar ao leitor detalhadamente a importância desse espaço religioso, preparações, etc. instituindo algo semelhante a um manual para que busca detalhadamente conhecer o Candomblé. Nicolau Parés, em suas leituras fornece informações sobre as diferentes nações dos muitos locais da África e como ocorreu contato dos povos africanos e os escravocratas; Parés, faz um percurso e mostra ao leitor todo o processo que ocorreu desde os primeiros contatos, como era o sistema África. O autor mapeia o processo desde os reinos da África até o que conhecemos hoje por religiões de matriz africana, é como se ele trabalhasse o antes e o depois. Parés também trabalha no intuito de retratar para o leitor o processo pelo qual os africanos passaram, mas não os mostrando como indefesos, mas como pessoas que lutaram desde sempre contra o sistema escravocrata. Reginaldo Prandi, em alguns de seus materiais aborda o significado e a simbologia dos orixás, trazendo em forma de pequenas histórias a importância e a representatividade de cada um desses deuses no mundo para os médiuns que estão inseridos no terreiro.

O trabalho está dividido em três tópicos, onde cada um se encarrega de abordar uma parte da estrutura do artigo. No primeiro tópico foi construída uma discussão a respeito das origens das religiões afro-brasileiras, especificamente o Candomblé e Umbanda. O segundo tópico discutirá a respeito de uma Oeiras negra e africana. Esta parte da identidade da cidade ainda é esquecida e negada por aqueles que se dizem inventores da capital da fé. O terceiro e último tópico estará voltado para as percepções dos umbandistas e candomblecistas a respeito do silenciamento que as religiões afro-brasileiras historicamente sofrem.

A metodologia utilizada para a escrita do presente trabalho foi a História oral. Através das entrevistas tivemos a possibilidade de nos debruçarmos nas memórias dos sujeitos frequentadores dos terreiros. Esse é um momento em que o leitor perceberá uma reflexão mais aproximada com nossos personagens. Pretendemos demonstrar a partir das entrevistas realizadas a elaboração de uma imersão nas vivências dos frequentadores dos terreiros, isto é, não torná-los objetos de uma

história que está sendo passada, mas torná-los os contadores de suas próprias histórias e experiências, Ouvi-los com atenção e respeito com o objetivo de perceber como é que essas pessoas se percebem sendo excluídas religiosamente na cidade de Oeiras Piauí, cidade essa que carrega um título tão forte e amplo e ao mesmo tempo excludente.

Não trabalhamos somente com as falas dos sujeitos, mas utilizamos algumas imagens captadas durante uma das visitas ao Terreiro “Tenda de São Jorge Guerreiro”, localizado na Rua José Luiz Neto, SN, Bairro Lajeiro do Samba, Oeiras, Piauí. A partir dessas imagens o leitor além de perceber as vozes desses frequentadores de casas de Umbanda e Candomblé, também terão uma noção de como é um terreiro por dentro. O objetivo dos depoimentos, e principalmente das imagens, não é gerar no leitor detalhes particulares de um local sagrado para aumentar a intolerância, pelo contrário, acreditamos que a partir do momento que se tem cada vez mais proximidade, mais detalhes, contato e conhecimento será obtido e os preconceitos diminuídos.

Utilizamos para a escrita dos aspectos metodológicos os textos de Verena Alberti e Tadeu Mourão para uma fundamentação mais precisa acerca dos processos metodológicos realizados para a escrita deste artigo, afinal tudo que aqui está sendo escrito não surge do nada, mas sim de um preparo e um compromisso sério com o respeito para com os seres humanos e com a História. Acredito que principalmente quando se trata de um tema tão delicado e tão importante que é religiosidade, deve ter cada vez mais empatia e aprofundamento de conhecimento e maturidade.

Quando se escolhe trabalhar com História Oral é necessário uma série de cuidados e leituras a respeito, pois devemos ter atenção e compromisso desde o momento da escolha de quem será entrevistado até os cuidados com as perguntas e gravações. Segundo Verena Alberti (2004), durante a escolha dos entrevistados é preciso guiar-se intuitivamente na pesquisa, o que significa que essas pessoas que são escolhidas para entrevista devem ter um conhecimento a respeito do tema que o artigo está trabalhando. Não deve ser alvo de preocupação o número de entrevistados, pois muitas vezes isso não vai engajar a entrevista. A preocupação real deve ser de que as pessoas escolhidas tenham um conhecimento amplo e até mesmo participar do que está sendo discutido, pois quanto mais o entrevistado conseguir falar com propriedade do assunto mais rica será a entrevista.

1- A RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS: O CANDOMBLÉ E A UMBANDA

O presente tópico tem como objetivo abordar a chegada dos africanos nas Américas, mas com uma abordagem voltada não para o sistema escravista como é de costume encontrar, e sim, dirigir a atenção para a vida dos escravizados, demonstrando não apenas a chegada, mas a vida dos povos africanos a partir desse contexto, pois o foco é compreender também como se originaram as religiões que hoje são nomeadas Candomblé e Umbanda.

A vida dos africanos na América

Os povos africanos quando foram trazidos como comércio para as Américas, deixaram para trás todo um passado no continente africano, familiares, suas casas e tudo que constituía sua vida antes do colonizador arrancá-lo de suas terras. Embora esses povos tenham saído do seu lugar de origem, isto não significa que tenham esquecido suas tradições religiosas e seu modo de viver, é claro que em suas memórias tudo aquilo que simbolizava sua cultura ainda estava vivo, então nações diversas começaram a organizar seus cultos nas terras das Américas.

Quando se trata de África, é fundamental deixar evidente que estamos tratando de um continente habitado por povos pensantes e que tinham toda uma estrutura de vivências, culturas, tradições, reinos, disputas. Portanto, não devemos cair no preconceito criado pelo europeu, em que pregava os africanos como sem cultura, sem fé; o fato é, os povos africanos eram repletos de seus hábitos e tradições, o europeu foi que se achou no direito de reduzir a nada pelo simples fato de não serem formas de viver semelhantes às da Europa. (PARÉS, 2018, p.25). Dito isso, diferentes nações foram trazidas de locais distintos do continente africano, em que reinos e formas de lideranças se apresentavam uns diferentes dos outros, isso pode pressupor também, que muitas vezes no contexto africano, poderia existir rivalidades.

Nações africanas e a formação das religiões afro-brasileiras

Não é apenas o Candomblé que se consolida no Brasil, como religião que se constituiu a partir das as tradições espirituais africanas, mas a Umbanda também surge como uma religião afro-brasileira e possui, em alguns elementos, certa aproximação como Candomblé, apesar de serem distintas. Ambas religiões são uma

ampliação massiva dos fundamentos africanos que confluíram com os saberes indígenas.

Outro aspecto também trabalhado por Nicolau Parés é o entendimento abordado por ele sobre “nações”. E o entendimento sobre o termo não é algo originalmente dos povos trazidos da África, mas sim uma nomeação criada pelos europeus para designar o tipo de trabalho, organização e tudo que envolve uma forma de controle sobre esses povos que estavam sendo escravizados e eram mão de obra para o lucro do comércio dos colonizadores. Segundo Luís Nicolau Parés. “Ao lado de outros nomes como país ou reino, o termo “nação” era utilizado, naquele período, pelos traficantes de escravos, missionários e oficiais da administrativos das feitorias europeias da Costa da Mina, para designar os diversos grupos populacionais autóctones.” (PARÉS, 2018, p.23)

É notável que o termo “nações” eram nomes elaborados pelos europeus, não algo dos próprios africanos. Trata-se de uma forma de estruturação onde os colonizadores procuravam facilitar a organização dos locais e dos negros que vinham desse local, assim era nomeados de acordo com o local de embarque, de chegada ou qualquer outra referência que pudesse ser associada à esses africanos. Pois eles foram “utilizados pelos traficantes e senhores de escravos, servindo aos seus interesses de classificação administrativa e controle”. (PARÉS, 2018, p.24). Em África existiam reinos e suas formas de estabelecer o seu próprio controle, o que quer dizer que os africanos, cada grupo vindo de seus respectivos locais, tinham a sua nomeação que era compreendida pelos africanos na África.

As diferentes nações que foram transportadas do continente africano para as terras da América e cada uma com sua especificidade de crenças complementam o que hoje se desdobraram nas diversas religiões afro-brasileiras, como o Candomblé e a Umbanda³. Algumas delas são por exemplo, a nação Nagô (Yorubá) da região onde hoje é a Nigéria e parte do Benin, eles foram os responsáveis pelas divindades que chamamos de Orixás como por exemplo a rainha do mar Iemanjá, Mamãe Oxum, Xangô, Ogum e diversos outros. A nação Bantu hoje Angola, é uma das mais influentes assim como a primeira, e é composta por entidades como os Daomé, que representam o poder e a importância dos fenômenos naturais como por exemplo o

³ As religiões afro-brasileiras são diversas. Embora compartilhem pontos em comum, cada uma possui a sua identidade própria e a maneira de expressar sua fé. No Brasil existe o Candomblé, a Umbanda, Quimbanda, Batuque, Tambor de Mina e diversas outras que em suas tradições trabalham a espiritualidade das práticas de matrizes africanas.

vento. Os povos Jeje da antiga Daomé e hoje fazem parte do Benin, no Brasil são povos que atuam no candomblé nas regiões do Rio de Janeiro, Bahia, Maranhão e diversos outros lugares do Brasil. Essas nações com o passar do tempo foram espalhando pelo país e organizando suas casas de Candomblé e cultuando inúmeros deuses, entidades e orixás. (PARÉS, 2018, p.25)

Umbanda e seu possível surgimento

Quando se trata da Umbanda, é perceptível que não se tem uma origem ao certo como se tem com relação ao Candomblé. Acredita-se em histórias criadas que contam o possível surgimento, mas nada é realmente comprovado. Histórias que contam, por tanto em um momento de união dos médiuns (Kardecistas) em uma mesa espírita, caboclos que foram negros escravizados e indígenas, os demais médiuns não queria aceitar a presença da entidade no ambiente e o dirigente convidou a se retirar, pois era chamado pelos Kardecistas como “espírito atrasado”, assim o Sete Encruzilhadas tendo baixado em um homem chamado Zélio de Moraes falou em defesa daqueles que estavam sendo expulsos, onde o mesmo disse que estavam sendo convidados a se retirar pelo fato dos médiuns estarem sendo preconceituosos com relação a cor. (ROHDE, 2009, p. 80).

O caboclo Sete Encruzilhadas disse que os médiuns estavam sendo preconceituosos por conta das entidades serem negras e indígenas e que haviam sido escravizadas. Na noite seguinte, o mesmo se encarrega de fundar um ambiente na qual aqueles espíritos que estava sendo convidados a se retirar, pudessem adentrar o local. Esse local seria na casa de Zélio. (ROHDE, 2009, p.80).

A origem do Candomblé:

O que hoje conhecemos como Candomblé, por exemplo, não chegou às novas terras como algo ‘pronto’, mas foi fruto de uma junção de diversos elementos e culturas trazidas de pontos e povos diferentes da África, que como uma forma de luta e resistência ao colonizador, formou um momento inicialmente em rodas de brincadeiras e danças africanas que com todo um processo cresce cada vez mais, espalhasse e pelas terras brasileiras e que hoje é o Candomblé, uma religião de matrizes africanas deixado pelos africanos escravizados no período.

O Candomblé que dá nome a uma das práticas religiosas afro-brasileiras mais conhecidas e vítima de inúmeros ataques preconceituosos. O nome Candomblé surgiu

da língua Bantu, e significa nada mais nada menos que “dança, batuque”, que se origina de momentos citados anteriormente, das brincadeiras dos escravos e seus momentos de culto a seus deuses. É notável que abordamos o Candomblé como uma religião e de fato é, mas deve ser ressaltado que o termo “religião” carrega o significado de re-atar, re-ligar o homem a Deus, mas é isso que deve ser compreendido. O Deus a qual se refere ao falar de religião é o Deus cristão, no Candomblé é esse ato é diferente. O Candomblé por mais que seja considerada uma religião, não atribui consigo o mesmo significado que as religiões cristãs, pois o mesmo não tem a crença no reatar o homem a Deus, pois acreditam que nunca se separaram dos seus deuses. (OXAGUIÃ, 2009, n.p).

Embora sejam religiões que tenham semelhança em alguns de seus ritos e guias, a Umbanda e o Candomblé, tem uma diferença notável desde a própria origem, pois enquanto o Candomblé é fruto de raízes da própria África e mais tradicional, a Umbanda é mais ampla desde os ritos até as entidades, a mesma é uma religião que abrange o sincretismo religioso.

Religiões afro-brasileiras: ataques e preconceito

As religiosidades afro-brasileiras desde sempre foram vítimas de ataques preconceituosos, o que na verdade é fruto do preconceito e descaso herdados do período da colonização para com os negros e tudo que é relacionado a sua cultura. Em momento da entrevista com Adalberon Mendes, pude perceber em suas falas que infelizmente o preconceito religioso ainda é praticado e é notável o que ele gera na vítima, no caso a candomblecista. Em determinado momento na conversa, Mendes me relatou que antes de ser praticante de terreiro, era presente nas missas da Igreja Católica e depois que mudou de religião não participa mais dos ritos, mas ela disse que embora não seja católica, mas tem um vínculo com o Bom Jesus Dos Passos, lembrando que é uma figura importantíssima do catolicismo é comemorado co em determinados dias em Oeiras. Ao ser indagada como acerca das visitas na igreja para ter contato com a imagem do Bom Jesus dos Passos, de que maneira era o olhar das outras pessoas?

Segundo a entrevistada com um olhar pensativo e perdido por alguns instantes, depois de um silêncio pensativo me respondeu de forma pausada como quem calcula as palavras ela responde:

“Ao visitar a igreja católica eu procuro ir pela parte do fundo e jamais entro pela parte da frente da igreja. Procuro sempre ir quando está tudo quieto... A minha relação com o santo é ótima, mas nunca fui de ir em missa... Depois que entrei na minha religião nunca mais fui a uma missa... Quando vou falar com o santo, vou em um horário que não tem ninguém tipo pela manhã ou à tarde”.⁴

Logo em seguida perguntei se ela visitava nos horários vazios pelo fato da paz e tranquilidade no local ou por receio de que os católicos pudessem dizer?

Segundo a entrevistada:

"Vou nesses horários tanto pela tranquilidade do local como também para não ter certos olhares. Eu evito porque já tenho uma vida muito conturbada como pessoa pública... a igreja é um lugar em que eu me sinto bem olhando para ele⁵".

Adalberon segundo seu relato é uma pessoa que prefere ir até a igreja em horários mais reclusos para evitar conflitos com demais pessoas que não compreendem suas escolhas. Talvez Adalberon tenha cansado de se tentar explicar em alguns momentos e assim para evitar atritos e ao mesmo tempo não abandonar um santo que lá está, prefere se refugiar nos momentos calmos do local.

Os terreiros das religiões afro-brasileiras sempre foram alvos de inúmeras falas preconceituosas. Candomblecistas, umbandistas, por exemplo, vem sofrendo agressões, terreiros sendo depredados, imagens sendo quebradas, oferendas e despachos sendo chutados, “Chuta que é macumba” dizem alguns, locais sagrados sendo invadidos por policiais, casas de terreiro sendo fechadas, tudo isso é reflexo de preconceito e do racismo religioso de pessoas, algumas delas cristãs que veem os atos dos candomblecistas e umbandistas como “seita demoníaca”. Segundo Vera de Oxaguiã em “nossa religião não existe, como nas demais, um simbolismo do bem ou do mal, do paraíso ou do inferno, e ela também não torna o homem ou a mulher seres escravizados por um Deus.” (OXAGUIÃ, 2009, n. p.).

Muitos dos nomes preconceituosos dado às religiões afro-brasileiras são crenças dos cristãos, pois o Candomblé e a Umbanda não acreditam na existência, por exemplo, do inferno, do demônio e se não acredita, é sem sentido nomear os atos de oferendas entre outros atos candomblecistas com apelidos maldosos como ‘demoníaco’. Estamos diante de preconceito religioso e não apenas, mas também de

⁴ Entrevista com Adalberon Mendes em Oeiras Piauí em 2023.

⁵ Entrevista realizada com Adalberon Mendes da Silva na cidade de Oeiras no ano de 2023.

uma imposição de fé, onde para lançar palavras dolorosas contra os praticantes de terreiro, fazem acreditar que os mesmos também acreditam no demônio, demônio esse que existe apenas para os cristãos.

Preparos iniciais: atuantes e terreiro de Candomblé e Umbanda

O Candomblé, a Umbanda assim como qualquer outra religião tem seus modos específicos de conduzir os atuantes para os preparos desde os iniciantes até os mais desenvolvidos, o que significa que diferente do que nos fizeram acreditar e reproduzir, que são pessoas alheias a qualquer tipo de conduta, o Candomblé responde com todo um preparo trabalhado nos mínimos detalhes para qualquer ser humano que deseje se unir à suas crenças. Segundo Reginaldo Prandi:

“O sacerdócio e organização dos ritos para o culto dos orixás são complexos, com todo um aprendizado que administra os padrões culturais de transe, pelo qual os deuses se manifestam no corpo de seus iniciados durante as cerimônias para serem admirados, louvados, cultuados”. (PRANDI, 1995, n.p.).

O pensamento de Prandi, mostra que o terreiro é repleto de organizações e etapas para enfim a pessoa iniciada ser realmente um candomblecista, que para se tornar um “cavalo” da entidade não é algo do dia para a noite, mas sim uma série de cuidados que conduzem o médium; como também exige um longo período para alguém que já foi iniciado poder se tornar o pai ou mãe de santo, isso pode levar um desenvolvimento de aproximadamente 7 anos e vai depender da conduta do candomblecista no processo, não quer dizer que necessariamente ao passar os sete anos qualquer pessoa pode assumir uma doutrina tão importante que é pai ou mãe de santo, mas sim de tudo que ele praticou, respeitou, abriu mão para chegar em seu objetivo dentro do terreiro.(PRANDI,1995, n.p.).

Na Umbanda assim como no Candomblé quem é responsável por identificar quem é o guia, caboclo ou falange do médium é o Pai ou a Mãe de Santo. Através de riscos no chão feitos por guias é que o Pai ou Mãe de Santo ao interpretar quem protegerá o médium em diante. É uma forma de perceber que não é algo alheio, mas repleto de detalhes importantes para que deseje fazer parte da religião. (MARTINS,2006)

É um percurso importantíssimo a primeira incorporação do médium, o que chamam de iniciante que se trata de um preparo não só do corpo, mas também da

mente para poder ocorrer a incorporação, o que é o mesmo que dizer o momento de o médium ser o “cavalo” da entidade. Para deixar-se ser conduzido pelos deuses, encantados, caboclos, o médium no momento fica em um transe, e a partir daquele momento não é mais o médium, mas sim o “cavalo” que está apenas mediando instante para que seja lá qual for o guia, transmitir sua mensagem aos demais médiuns que estão em volta. É por esse motivo que é importante a concentração tanto do corpo como da mente, pois é através de uma conexão exata entre o “cavalo” e a entidade daquele determinado momento.

O Candomblé e Umbanda: as responsabilidades para com o iniciado.

O Candomblé se designa de acordo com o local que está inserido, o que quer dizer que nem sempre o Orixá que é cultuado em um local, será cultuado em outro, alguns centros de Candomblé além dos Orixás também tem os caboclos, encantados e diversos outros, cada um com seus dias de culto, oferendas cor de roupa, dias de realização de sacrifício tudo depende do local que está localizado esse terreiro. Alguns terreiros de Candomblé agregam à suas tradições o culto aos caboclos e encantados, pois são entidades dos povos indígenas que assim como os orixás também representam a conexão com a natureza. Segundo Reginaldo Prandi:

“Devotos das religiões afro-brasileiras podem cultuar também outras entidades que não os orixás africanos, como os caboclos (espíritos de índios brasileiros) e encantados (humanos que teriam vivido em outras épocas e outros países)”. (PRANDI, 1995, n.p.).

Algumas casas de Candomblé têm encantados e caboclos, mas não todas, varia da localização. A Umbanda é mais aberta aos caboclos, Orixás, encantados, de maneira mais natural, ou seja, uma série de misturas.

Alguns aspectos e atos do Candomblé e da Umbanda são um tanto parecidos como por exemplo, para que o médium seja iniciado no Candomblé ou na Umbanda, é necessário a Mãe de Santo realizar o jogo dos búzios, ou através de riscos no chão como forma das entidades mostrarem a quem pertence aquele médium, o que significa que ela é a responsável para saber qual vai ser a entidade responsável pela cabeça daquela pessoa. Após descobrir qual é o orixá, caboclo ou entidade, é dado ao médium um fio com as contas com as cores que representam o seu guia que foi apresentado.

Com relação ao Candomblé, cerimônias de iniciação, dependendo do seu orixá, animais podem ser dados como sacrifício para o dono da cabeça do/a iniciante. Esses animais podem variar sendo eles galinhas, ovelhas. Como forma de unir o iniciante a agora seu orixá, no momento exato em que o médium recebe o guia, sua cabeça é lavada com o sangue do animal. Após o processo inicial da lavagem da cabeça com o sangue, o médium é apresentado para os demais candomblecistas que estão presentes naquele ambiente, grita como forma de confirmação o nome do seu orixá, apresentando tanto o “cavalo” quanto o seu guia.(PRANDI,1997, pg 9)

A pessoa que está iniciando no terreiro é levado pelo pai ou mãe de santo próximo aos atabaques e ao orixá para dar início a festividade como uma forma de homenagear aquele novo membro que inicia a partir daquele momento um longo processo de aprendizados, é como se fosse uma apresentação à casa. Esse novo médium conforme obediência, dedicação e força de vontade poderá “crescer” dentro do terreiro e com muito preparo poderá ser um futuro pai ou mãe de santo do terreiro.

Ao encerrar o grande momento, é feito um banquete ainda no momento da festa e é oferecido os animais que foram dados como oferendas. O iniciante deve prestar comemorações ao seu orixá em determinadas datas, como por exemplo 3, 4 e 7 anos do período em que foi iniciado no terreiro. Quando o candomblecista falece, a comunidade faz uma cerimônia de morte para que o orixá se desprenda do corpo do médium e volte para o seu lugar dos deuses e a alma do morto se desprenda também do corpo.

Na Umbanda ocorre danças, giras e muitas músicas para as entidades. Durante o percurso são cantadas por volta de sete pontos cada um com seu significado. Para ocorrer o contato dos médiuns com as entidades, não há apenas a incorporação, mas a escrita astral. (MARTINS,2006).

Tudo que está relacionado às práticas religiosas tanto Umbanda quanto Candomblé, ocorrem com todo um preparo, cuidado e responsabilidade, desde firma a cabeça do médium iniciante, passar por giras e pontos com seus significados até o último suspiro de vida do médium tem um preparo, um significado e a certeza de que tudo que está ligado a essas religiões, diferente do que o preconceito nos passa, tem profundo conhecimento e responsabilidade.

2 - UMA OEIRAS NEGRA E AFRICANA

O seguinte tópico abordará a cidade de Oeiras ainda como Mocha, para desenvolvermos um diálogo acerca de uma Oeiras negra desde o início até os dias atuais. Mostraremos para o leitor uma Oeiras de um ângulo diferente do qual não estamos acostumados a apresentar. Demonstrando alguns fatos que conectam a cidade a sua identidade negra.

Oeiras-PI como Vila da Mocha

Sabemos que a cidade de Oeiras, no período de colonização foi palco de inúmeros processos de escravidão. Portanto, chamaremos atenção do leitor para a seguinte questão: se Oeiras, em sua maioria, possui nos dias atuais, um contingente maior de população negra, isso não é por acaso, mas é resultado de toda uma dinâmica histórica-social imposta pela colonização a partir dos movimentos forçados na escravização. A história de uma Oeiras negra sempre foi uma memória apagada em meio a tantas outras histórias locais. A população oeirense nunca foi instigada a priorizar uma Oeiras com raízes africanas. Nas escolas e festividades, por exemplo, o que se encontra é o enaltecer de um catolicismo ao invés de abrir espaço à outras expressões de religiosidades.

É compreensível que tudo que conhecemos atualmente seja fruto de um processo histórico, e isso quer dizer que Oeiras também faz parte desse processo. Segundo Luiz Mott, o que se intitula hoje como Oeiras- PI, Capital da Fé, por volta de 1712, tornou-se uma Vila intitulada Mocha. Por volta de 1757, Oeiras ainda era uma pequena vila habitada por cerca de 60 moradores. Segundo os dados de Mott, nos anos 1772 a população é composta por 77,4% negros, 16,7% brancos e 5,9% indígenas. O local era voltado para a criação de gado, pois gerava lucro e crescimento para as terras. (MOTT, 2006, N.P)

No Período Colonial, a coroa portuguesa explorou os territórios em busca de expansão de terra e melhoria de crescimento econômico e nesse aspecto, as terras onde hoje encontra-se o Nordeste ocorreram a produção de açúcar, o uso da mão de obra escravizada para o trabalho nos engenhos e o gado também era usado como alimento e força para os engenhos. (SOLIMAR, APUD MAESTRI, GORENDER P.40)

Segundo Solimar Oliveira, conforme as fazendas piauienses cresciam, cada vez mais era necessário a mão de obra que cuidasse do gado e outros afazeres do local. De 129 fazendas visitadas pelos sacerdotes e demais conquistadores, foram encontrados negros, indígenas e brancos, e cada um encarregado de executar

determinado serviço, por exemplo, o negro para ser explorado na fazenda, o branco era ou dono das fazendas ou colonizador e os indígenas também fazendo parte da mão de obra. É perceptível que a Mocha era organizada por um sistema escravista, isto sinaliza que os africanos desde o início sempre fizeram parte do cenário da vila da mocha, e que hoje sendo Oeiras, a presença negra é bem significativa, dessa forma percebemos que não é algo causal, mas sim o crescimento de um povo descendente dos primeiros habitantes africanos da capitania.

A Vila da Mocha cresceu, mas esse crescimento deu-se a partir do trabalho de pessoas africanas ou crioulas escravizadas. Igrejas e casas, que atualmente são pontos turísticos foram erguidos pela população descendentes de africanos, o que torna a cidade palco das atrocidades escravocratas, como afirmam diversos historiadores - “Onde houve escravidão, houve resistência”. Não devemos olhar o contexto abordado transformando os escravizados em vítimas por completo, mas devemos enxergar além, pois, a população também resistiu desde sempre esse processo.

Práticas na Vila da Mocha alheias ao catolicismo

Luiz Mott encontrou em documentos inquisitoriais por volta de 1758 registros de manifestações religiosas conhecidas como sabá. Podemos definir o Sabá como espécies de rituais que foram atrelados à feitiçaria durante o período colonial. O Sabá é um momento em que os curandeiros e adivinhas se reuniam e realizavam as práticas religiosas, práticas essas que por pessoas alheias a esses rituais era nomeado como algo diabólico. O Sabá segundo a análise de Mott, era descrito como uma reunião de bruxas e feiticeiros com o diabo. Ao que se observa da maneira como era feito essas reuniões, pode ser interpretado como um suspiro de liberdade para os negros se expressarem entre si, dançar, exercer sua fé, cânticos e tudo que era visto com um olhar de repressão pelos seguidores do catolicismo ligados a Igreja da Nossa Senhora da Vitória. Era um ato não só de expressar sua cultura e sua fé, mas era a resistência que falava ali naquele momento, era um ato de rebeldia para com a fé que lhes estava sendo imposta no caso o Catolicismo.

Vila da Mocha, em aspectos religiosos, era um ambiente que foi alvo de repressão e silenciamento para com as práticas alheias ao catolicismo. A Mocha desde sua origem sempre foi um ambiente onde habitava pessoas de conhecimentos riquíssimos com relação a fé espiritual e tal religiosidade era fruto de conhecimentos

e ensinamentos do povo negro, mas por ser alvo de repressão, era algo mais recluso. Isso prova que o local tinha realmente suas credences, mas uma crença além do que é exaltada nos dias atuais, o que quero frisar é que sempre existiu algo além do catolicismo, sempre houve o lado negro na Mocha, mas que por uma repressão do catolicismo, tornaram-se cada vez mais escondidos e que até os dias de hoje se perpetuam nos terreiros o silenciamento diante das práticas cristãs em Oeiras.

Em meio a esse período onde ainda atendia como Vila, muitos homens e mulheres exerciam práticas de cura, benzimento e adivinhações, e isto foi estudado por meio de um documento elaborado por um padre jesuíta no qual visitou os sertões do Piauí onde padres levavam a fé católica em meio a essas viagens é que passam também por onde hoje é Oeiras. Nesse documento havia o registro de uma prática religiosa chamada Sabá: “Congresso de Diabos”, que se tratavam de uma reunião entre pessoas consideradas adivinhas e que praticavam feitiçaria e entre essas pessoas destacavam-se negras da Vila, que foram acusadas de fazer essas práticas de feitiçaria.

Segundo Mott, entre essas mulheres se destacou a Mestiça Forra Bibiana, uma mulher crioula que por meio de seus dons e conhecimentos religiosos e espirituais realizava adivinhações para as pessoas que buscavam a sua ajuda. Maria da Conceição, também da mesma região, conhecida por ser responsável em realizar pedidos para atrair homens, e Rosa Maria, realizava adivinhações por meio da ajuda de guias espirituais.

Através do documento foi possível perceber que as mulheres negras foram atuantes, desde os tempos da Vila, quando o assunto era luta e resistência, mas além desses nomes já citados, na região do Piauí, não houve resistência apenas através das crenças, mas no período colonial a escrita foi uma arma potente nas mãos de uma mulher negra chamada Esperança Garcia.

Esperança Garcia: escrever é resistir

Esperança Garcia, foi uma mulher que viveu em um período onde as pessoas escravizadas não tinham vez e nem voz diante dos senhores donos de fazendas. A mulher que através de uma carta denunciou para o governador da Capitania do Piauí, os de maus tratos que sofrera, demonstrando força, resistência e coragem. O ato de Esperança Garcia repercute até os dias atuais sendo lembrada em instituições de ensino e também ocupando o lugar simbólico de primeira advogada do Brasil.

Devemos compreender que esta mulher vive no Piauí em um período onde o negro e principalmente as mulheres negras eram vistas como pessoas que não tinham vez e nem voz. A partir do momento que Esperança Garcia fez uma denúncia através de uma carta escrita com o próprio punho relatando os sofrimentos que vivia na fazenda nomeada Algodões a historiografia ganhou uma oportunidade de dar voz a esses personagens.

Capital da fé: centralização diante de diversidade

Se formos pensar o título Capital da Fé como uma categoria abrangente de todas as identidades de Oeiras, isso não é sentido na prática, pois o mesmo se torna raso diante das crenças locais, afinal a partir do momento que se observa Oeiras desde seu tempo de Mocha, percebemos o título citado anteriormente como um enaltecimento de uma única fé, a fé católica e ao mesmo tempo a exclusão de inúmeros outros tipos de crença sagradas que se fez presente na antiga Vila da Mocha e que se faz presente na atual Oeiras .

Além disso, cabe destacar a presença do negro que é significativa e também territórios que mostram uma ocupação importante e marcante na história de Oeiras, como por exemplo o Bairro do Rosário. O bairro considerado um dos mais antigos da cidade foi formado por uma população negra, e que permanece até os dias atuais majoritariamente negro; O seguinte local é construído ao redor da igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos que busca a preservação da cultura afro-religiosa, como por exemplo as apresentações dos Congos do Rosário (grupo de dança e apresentação em homenagem a São Benedito e Nossa Senhora do Rosário). O bairro é uma demonstração de força, expressão religiosa do povo negro e a não valorização desse ambiente é uma demonstração de exclusão da diversidade a qual se constitui a primeira Capital do Piauí e o apagamento da figura negra na história dos oeirenses, o que reforça cada vez mais que Oeiras é um ambiente de cultura vasta, mas que ao enaltecer apenas o catolicismo, torna o local excludente de seus próprios moradores, a população negra.

Esse título capital da fé ao ser firmado apenas no catolicismo traz consigo uma ideia colonialista de uma única e verdadeira religião no local, excluindo assim outras como os protestantes e principalmente os terreiros de Umbanda e Candomblé presentes no local. Ao silenciar esses terreiros estará excluindo a importância dos negros e também apagando o fato de que Oeiras foi palco de escravidão.

Algo questionável é o fato de que diante de tudo que foi dito acima, percebemos que o local que chamamos hoje de Oeiras, Capital da Fé, em seus tempos como Mocha era vasta a quantidade de pessoas curandeiras e com dons espirituais diversos, e é claro que essas pessoas passaram esses conhecimentos de gerações para gerações, como sempre fizeram.

3 - TERREIROS DE OEIRAS PIAUÍ: IMAGENS E VOZES

O seguinte tópico tem como objetivo compreender as percepções que os frequentadores dos terreiros da Umbanda e do Candomblé possuem acerca do silenciamento que suas práticas religiosas sofrem em uma cidade que se auto proclama de capital da fé. Portanto, será mostrado para o leitor os sentimentos e percepções dessas pessoas partindo de suas próprias experiências representadas através de imagens e da memória. Esse momento demonstra que não existe maneira melhor de se compreender o que gera nas pessoas o silenciamento religioso do que ouvi-las.

A primeira visita foi realizada no terreiro Tenda de São Jorge, localizado no Bairro Lajeiro do Samba, cheguei em um momento em que o espaço estava sendo limpo para a realização de uma festa que se iniciaria na noite daquele mesmo dia, e seguiria até o dia seguinte. Era o momento de lavar as cadeiras, limpar o salão onde são feitas as giras, deixar tudo em ordem para receber as entidades e os visitantes. A tenda tem o costume de também receber visitantes, que se deslocam até lá para conhecer e assistir as giras, mas que necessariamente não são participantes ativos da casa.

A figura 01 retrata o momento da entrada do terreiro Tenda de São Jorge Guerreiro. Observa-se a entrada de uma casa que, ao se olhar rapidamente, aparenta ser apenas um ambiente simples, porém em seu interior é repleto de significados, força e respeito. Um pouco à frente da casa está um altar para uma entidade e ao lado das imagens são encontradas oferendas como velas acesas, pés e cabeça de galinha, pé de espinho e em cima a carcaça de um bode e um símbolo de Exu. As cadeiras que estão na frente foram lavadas, pois nesse dia o terreiro estava sendo organizado para que na mesma noite e no dia seguinte fosse realizado uma festa em homenagem a São Jorge Guerreiro e no outro dia para Seu Tranca Rua.



Figura 1: Frente da Casa de Umbanda
Tenda de São Jorge Guerreiro- Oeiras/PI, 2025.

Ao chegar no local conversei com as pessoas da casa, mas de maneira breve, pois o momento era de limpar o ambiente, e sendo assim, ninguém teria tempo de parar os afazeres para ceder uma conversa inicial que levaria à entrevista, mas eu tinha consciência disso, dessa falta de tempo, entretanto fui nesse dia com o propósito de ver as pessoas, e a suas formas de organização do espaço que serviriam para a realização das giras.

Quando cheguei no terreiro conheci o pai de santo Geysiel e o perguntei se eu poderia fotografar o terreiro, a resposta foi positiva, e me disse: “Pode! Fique à vontade”⁶ Assim eu fiz, andei no local, observei e tirei as fotografias da casa. Ajudei uma das pessoas que estavam por lá a lavarem as cadeiras e depois ajudei Geysiel a organizar as imagens dos guias na prateleira que o mesmo estava removendo a poeira.

Os altares costumam ser uma referência de relevo quando se deseja nutrir a fé, por exemplo, na Igreja Católica existem altares com símbolos eucarísticos, cruzes e santos. Na umbanda não é diferente, pois ela também dispõe dos Santos e imagens das entidades. É comum nesses altares a existência de imagens de Jesus Cristo em uma cruz, da Virgem Maria, de Santo Antônio, do Padre Cícero e também imagens do Zé Pelintra (malandro), Yemanjá, caboclos e diversos outros guias espirituais. Na

⁶ Visita realizada no dia 26/04/2025 ao terreiro Tenda de São Jorge Guerreiro na cidade de Oeiras-PI no Bairro Lajeiro do Samba. Momento de organização do terreiro para as festividades.

figura 02, logo abaixo, podemos perceber como mosaico religiosos de imagens é organizado na casa.

Os locais sagrados costumam ser organizados com imagens de acordo com o grau de desenvolvimento espiritual. Na parte mais alta encontra-se Jesus/Oxalá. Logo após ficam as imagens dos santos/Orixás: Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santo Antônio e Santa Bárbara. Em seguida no pilar de organização são adicionados os Pretos Velhos e Caboclo por serem entidades intermediárias, e sendo assim, é construído um nível de desenvolvimento espiritual. (MOURÃO, 2010,pg 47)



Figura 2- Altar principal do Terreiro Tenda de São Jorge Guerreiro, repleto de imagens que são cultuadas no local.⁷

Este altar da Tenda de São Jorge Guerreiro, é repleto de imagens de entidades como também de santos. Dentro do terreiro ele é um local essencial para as práticas religiosas, pois simboliza o ponto central da força do barracão e se encontra frente a porta do local, ao entrar é o primeiro a ser notado. A organização é feita de maneira ao qual o pai de santo acredita ser melhor, o que significa que não precisa seguir a mesma ordem de todos os terreiros, pois cada um tem sua própria identidade.

Segundo Geysiel, a respeito da organização do terreiro:

⁷ Imagem do altar do terreiro Tenda de São Jorge Guerreiro, na cidade de Oeiras-PI.

“Dentro do barracão são quatro coisas que são alinhadas, começar pelo altar onde fica o padroeiro do barracão e o principal fator é você saber quem é o padroeiro daquele local, então é o que fica

centralizado no meio do altar. A guna que é o equilíbrio de força tem o guia chefe embaixo dela, a porta e o cruzeiro, então são quatro coisas que ficam alinhadas. Cada terreiro tem sua identidade própria! Na organização eu sou muito perfeccionista então meu altar tem uma ordem. Eu não gosto de nada bagunçado, nada pequeno de um lado e grande do outro, então meu altar eu gosto de organizar do meu jeito, algo que só eu toco, só eu limpo, só eu organizo. Eu vou lá, deixo ele para as meninas limpar, mas não deixo ninguém ficar pegando nele. Não é pela imagem, pelo vulto em si, ali é só uma semelhança, mas pelo respeito, pela ligação entre eu e a santidade, não ao gesso”.⁸

É interessante que o terreiro é constituído por diversas organizações importantes que unindo-as representa o barracão e é notável pela voz de Geysiel que cada casa tem tanto a entidade dono(a) do barracão como também sua própria maneira de organização do ambiente, o que desconstrói uma ideia de todos os terreiros serem a mesma coisa. Segundo Geysiel, ele mesmo tem um cuidado especial com locais como o altar. É notável que não se trata apenas de uma obrigação, mas é algo que tem uma dedicação a mais, e um olhar mais atencioso e detalhista, como disse o próprio entrevistado, um toque perfeccionista.

A Tenda de São Jorge é repleta de muitas imagens, trata-se de um local repleto de significados e que são dignos de muito respeito para os médiuns daquele local. Imagens de caboclos, guias, entidades variadas, cada um no seu devido local representando sua força e proteção cada um em seu espaço dentro da tenda no Lajeiro do Samba, transmite aos médiuns força e proteção.

⁸ Entrevista com o pai Geysiel de Ogum no dia 16/05/2025 na cidade de Oeiras. ⁹ Imagens do quarto de Zé Pelintra.



Figura 3- Mesa dedicada a Seu Zé Pelintra no quarto da entidade.⁹

A figura 3 mostra a mesa dedicada a Seu Zé Pelintra, situado em um determinado cômodo da casa reservado para a entidade. Esse local é destinado para a realização de oferendas para seu Zé que foram firmadas com ele. O local é organizado com símbolos que lembram o guia, e tudo que está relacionado ao estilo como cachimbos, velas, chapéus. Essa é uma entidade que gosta da malandragem, oferece proteção aos que estão nas ruas e gosta do consumo de bebidas alcoólicas. Algumas entidades gostam de agrados como o cigarro e bebidas, não apenas eles, mas pombagiras e pretos velhos também gostam de oferendas com animais. (PRANDI,2001.p.56)



Figura 4- Imagem do Caboclo e seu Manoel Légua⁹

A figura 04 retrata as entidades que estão situadas na cozinha da casa, um pouco distante da porta do terreiro. Escultura de Seu Manoel Légua, representa a entidade que faz parte da família de Léguas que é conhecida por beber antes de seus trabalhos no terreiro. A outra imagem é o caboclo que com suas vestes indígenas simboliza a força da mata e que é conhecedor das florestas e tudo que faz parte dela.

Figura 5- Salão do terreiro Tenda de São Jorge Guerreiro¹⁰

A imagem logo acima é do salão, local onde ocorre as giras. É nesse espaço em que acontecem as sessões mediúnicas, pois é em volta desse tronco, que as entidades ao chegar entoam seus pontos e giram. Mais distante no canto da foto está a cadeira do pai de santo. Essa cadeira é apenas do pai de santo, apenas Geysiel pode sentar nesse local. Na mesma posição do lado oposto ficam os tambores,

⁹ Imagem de Caboclo e Seu Manoel Légua

¹⁰ Imagem do salão do Terreiro Tenda de São Jorge Guerreiro, espaço que ocorre as giras. ¹² Espaço dedicado a Ogum dentro do terreiro Tenda de São Jorge Guerreiro.

tambores que só podem ser tocados no momento das girar e podendo ser tocado apenas pelo pai de santo, a não ser, que ele permita que outra pessoa toque no tambor. Esse tambor é sagrado, pois é através dele que os médiuns chamam seus guias para o momento de festa no terreiro. Na parede está o quadro dos ciganos, que também são entidades importantes na casa.



Figura 6- Ponto de firmeza para Ogum.¹²

O ponto de firmeza de Ogum é situado na porta de entrada principal do salão do terreiro. Do lado direito encontra-se a porta de entrada para o terreiro e do lado esquerdo, a porta para o quarto de Seu Zé Pelintra. O local é cuidadosamente arrumado com objetos e detalhes que simbolizam armas, rituais, plantas de proteção que representa a força do orixá Ogum, que simboliza batalha e força diante das dificuldades.

É importante destacar que o povo negro acabou sendo excluído da História e dos grandes acontecimentos. É necessário perceber que infelizmente esse silenciamento ainda ocorre nos dias atuais, mesmo que Oeiras esteja repleta de pessoas negras, que se apresentam importantes e atuantes narrativas oeirenses, ainda assim, o silenciamento ecoa nesta cidade. Nesse contexto, os terreiros oeirenses ainda sofrem silenciamento, discriminação por parte da população, que não é atuante da religião, e isto não sou eu que estou dizendo, mas sim os próprios oeirenses atuantes desses terreiros de Umbanda e Candomblé presentes na capital da fé.

Geysiel (conhecido como pai Geysiel de Ogum, 19 anos de idade) nasceu em Oeiras e vive na cidade até hoje. Desde criança sempre obteve uma aproximação com as religiões afro-brasileira, mas somente na fase adulta foi possível viver sua religiosidade. Mesmo sendo um jovem com apenas 19 anos, Geysiel já é um pai de santo. Ao que parece sempre foi alguém ligado a essas práticas religiosas, como o mesmo disse, nasceu em meio às práticas e nunca teve contato com religiões diferentes como catolicismo e o protestantismo. É interessante que o pai de santo no momento inicial já mostra que o processo de criação do terreiro fundado pelo mesmo, e como esse local é ao mesmo tempo, uma representação do seu sagrado como também do seu sustento.

“Meu nome é Geysiel, sou conhecido como pai Geysiel de Ogum, minha idade, tenho apenas 19 anos de idade, comecei bem novo na espiritualidade e eu vivo daqui, eu vivo da espiritualidade, do meu desempenho para as pessoas ao qual buscam a minha casa. O meu trabalho é tudo daqui! Alguns bicos por fora, mas eu vivo mesmo é daqui do barracão.”

“ No dia 29 de julho de 2021 ele foi fundado, ou melhor ele foi aberto ao público, mas ele existia desde 2019 mais ou menos ele já existia. Estou aqui desde o ventre da minha mãe porque já fui criado nesse berço espiritual. Cada pessoa funda o seu terreiro e por certa forma, quando a pessoa é nomeada pai de santo, pega 7 anos de pai pequeno de uma casa e depois a gente segue nosso rumo para abrir o nosso próprio terreiro. O meu mentor pediu para que eu abrisse o terreiro, onde até então eu não queria, mas eu fundei esse terreiro aqui, pois já era perto da minha casa, era o terreno que eu tinha para fundar e fundei ele aqui!”¹¹

É interessante o detalhamento das palavras de Geysiel quando relatou acerca da fundação de seu terreiro, seus pontos de vista se conectam com os escritos de Vera de Oxaguiã, embora ela abordasse mais precisamente o Candomblé, seu relato nos ajuda a entender que as religiões não surgem do dia para a noite, mas sim de um preparo, tanto do futuro pai de santo como também da estrutura do terreiro.

“Algumas pessoas podem ser que criticam, outras normal! Nessa religião já vivi vários momentos que não tem nem como citar para você porque tudo dentro da espiritualidade é marcante! É algo que é para a vida, como se fosse aprendizados. Tudo dentro dessa vida desses

¹¹ Entrevista realizada com pai Geysiel de Ogum, a respeito da criação do Terreiro de Umbanda Tenda de São Jorge Guerreiro no dia 16/05/2025.

aprendizados a gente vive aprendizados, aprendendo um, aprendendo outro. Uma coisa que levo para minha vida, é que um tempo eu estava sentado com o meu mentor em uma noite de lua cheia só eu e ele e ele conversando comigo que sempre estaria me explicando as coisas e esse momento ficou marcado para a história.”¹²

Os escritos de autores como Vera de Oxaguiã e Reginaldo Prandi, muitas vezes se conectam com falas de Geysiel, pois são escritores que buscam mostrar que a religiosidade é um ensinamento no seu espaço, mas que busca preparar os médiuns para os convívios no dia a dia e se ouvir. O depoimento de Geysiel, nos ajuda a entender que os fundamentos de uma religião não é algo apenas que se executa naquele espaço do terreiro, mas é algo que transmite ensinamentos para a vida como um todo.

Dito isso, o pai de santo fala sobre sua fé de maneira muito afetiva e forte, e compartilha o desenvolvimento da sua espiritualidade a partir do auxílio do seu mentor. Toda a experiência espiritual desse jovem rapaz poderia ser disponibilizada como instrumento de aprendizado pedagógico para a população negra na produção de um letramento racial e da afirmação dessa identidade em Oeiras.

Segundo Prandi (1996, p 73) existe um tipo de divisão no que diz respeito às entidades. Do lado do “bem” que também é chamado lado direito se encontram caboclos representando as origens indígenas e os pretos velhos simbolizando os escravizados e todo o sofrimento daquele momento. No lado esquerdo se encontram os que são nomeados demônios pela Igreja Católica, que são pomba giras e os Exus masculinos, segundo o catolicismo são os que trabalham “para fazer o mal”, visando o bem dos seus amigos e clientes.

O pai de santo aborda as entidades do barracão e descreve o temperamento de alguns deles, explicando detalhadamente a maneira que reagem, temperamento e cuidados com os médiuns.

“O dono da casa, o chefe da casa se chama Pedro carrasco... é... tem o seu Rompe-mato que é o caboclo da tenda, tem o Preto Velho vovô Cipriano, tem o exu que é a Pomba-gira Maria Quitéria, seu Capa Preta, Seu Tranca Rua, tem um menino o meu erê Emanuel e tem uns outros perdidos aí pelo mundo. Seu Pedro ele foi confundido com um cangaceiro e dentro da história dele dizem que era um caçador e ajudava as pessoas a achar gado, achar isso e achar aquilo e de certa forma viram um cangaceiro dentro do mato fechado e que não conhece

¹² Entrevista realizada com Geysiel, conhecido como pai Geysiel de Ogum. Entrevista realizada no dia 16/05/2025 na cidade de Oeiras Piauí.

ninguém e aí ele tem essa bravura, analfabeto não sabe ler não sabe escrever, viveu no mundo só, então vem daí essa braveza. Ele gosta do facão, das ferramentas dele, da garrincha dele, então ele tem esse tipo de bravura em relação a isso, tudo para ele tem que ser certo, ser perfeito. O povo de antigamente tudo deles eram os “pingos em cima do i” nada podia sair fora então essa é a característica dele, ele leva tudo à risca, nos detalhes, dá conselho, mas também ele gosta de castigar erros”.¹³

Geysiel destaca a importância de algumas entidades na umbanda, ressaltando o temperamento de algumas delas, mostra o respeito que tem diante dos conselhos que as entidades têm e mostra que, são como pais que tanto aconselham como também punem quando precisam. O médium mostra a importância desses conselhos e das broncas que recebem.

Segundo Borges (2005,p.196), as entidades da Umbanda são diversas, mas as principais são os caboclos, as crianças que são chamadas de erê e os pretos velhos, que são do lado direito também conhecidos como os do bem. Do lado esquerdo encontram-se encontram os exus e as pombas giras (versão feminina de de exu), eles possuem os dois lados, tanto o lado do bem como o do mal.

Borges (2005), abordam a diferença das entidades e ao mesmo tempo explica qual é o papel que elas desempenham para os umbandistas, que são na verdade conselheiros e oferecem proteção, são como amigos que direcionam e quando necessário também aplicam punições em seu cavalo. Portanto, as falas do pai de santo não apenas estrutura como é o processo de criação de uma casa de umbanda, mas aborda as situações vividas em meio aquele espaço religioso desde o aconselhamento e a punição.

Segundo Mattos (apud, Francisco,2023, p.17), a Umbanda é uma religião que está sempre ligada aos pontos, pontos de entrada, firmeza, descarrego, de chamar os guias para iniciar e finalizar os trabalhos. Pontos de caboclo, Preto- velho, Pomba-gira e demais entidades e cada ponto tem uma função e um ensinamento a ser passado. Logo abaixo colocamos um exemplo de um ponto cantado pelo pai de santo, que mesmo não estando incorporado no momento, não deixa de carregar o seu significado e força na voz do médium.

Os pontos cantados na Umbanda é um momento repleto de elementos muito importantes para o desenvolvimento das festas e incorporações. Esses pontos são cânticos dos guias, cada um ecoa no momento que baixa no corpo do seu cavalo. As

¹³ Momento da entrevista que o pai de santo fala sobre as entidades e o temperamento de algum deles.

sensações mediúnicas, cada dia tem os guias a serem trabalhados e esses guias cada um possui um ponto específico.

“Eu gosto de tanto ponto, é complicado! (Ficou pensativo por um tempo)... tem esse aqui”: J Peguei meu barco e me perdi no oceano, a garrafa que eu trazia caiu na água e se molhou ô basílico. Não beba mais, não ô basílico, não beba mais não. Esse é o ponto que marcou minha trajetória todinha, é o ponto do meu mentor. Do meu mentor eu digo porque foi o guia do meu pai, foi o meu mentor espiritual para poder chegar até aqui onde eu cheguei”. “Minha mãe e meu pai todos dois é, não tem para onde fugir. Já nasci dentro desse berço espiritual!”¹⁴

O ponto mostra de forma metafórica a vida do médium com relação ao seu desenvolvimento com seu guia espiritual. Ele traz uma mensagem acerca de uma jornada espiritual, uma vida que pode passar por altos e baixos (perder-se no oceano), e a ajuda do guia espiritual na tentativa de auxiliar o médium em seu desenvolvimento a partir de conselhos (não bebe mais não), o guia sempre se faz presente para ajudar no desenvolvimento do médium. Assim sendo, torna-se evidente que essa religião é cheia de significados e que sua organização e desenvolvimento é totalmente ligado aos instrumentos e pontos que evocam a força de cada um dos guias que compõem cada casa de Umbanda, neste caso a Tenda de São Jorge Guerreiro, cujo entidade maior do local é nomeado Pedro Carrasco.

A Umbanda é dotada de sentido e beleza, mas também carrega em sua doutrina o que pode e o que não pode, os terreiros seguem regras como qualquer outro ambiente e diante disso, Geysiel afirma: “O meu quarto de exu! Ele é um quarto reservado apenas para mim, ou a minha tocadeira, ela é um local que só eu me assento, é sinônimo de respeito, e o quarto de exu é um quarto de ligamento meu com a espiritualidade.”¹⁵ Segundo Prandi(1997,p 10), os rituais são importantes e restritos, essas restrições são no sentido de que apenas iniciados podem participar, por exemplo de sacrifícios de animais, acessos a cerimônias e aos quartos de santo. No terreiro em questão ocorre o que relata Prandi, no caso o quarto de Exu, pois segundo o pai de santo, isso é algo de exclusividade do mesmo.

É importante deixar claro que dentro do ambiente existem também outros objetos que têm significados importantes e ricos como por exemplo o tambor. Geysiel, aborda que:

¹⁴ Ponto cantado pelo pai de santo no momento da entrevista no dia 16/05/2025 em Oeiras, Piauí.

¹⁵ Entrevista com o pai Geysiel de Ogum na Cidade de Oeiras, Piauí.

“Um instrumento que invoca as energias! Ele é usado para chamar as entidades, é algo sagrado. Antigamente quando eu comecei a entrar na umbanda e me aprofundar que eu já tinha entendimento, meu avô nunca deixava mulheres tocar no tambor dele e principalmente mulher menstruada, ou melhor, nenhuma mulher assentava naquela madeira atravessada onde segura o tambor, mulher não toca no tambor, mulher não passa a saia no tambor, porque não pode, é algo de ligação do mundo terreno ao mundo espiritual. Então não pode haver esse tocar! Mas hoje em dia já está tudo diferente, tem muitas mulheres que toca, hoje não tem aquele certo tipo de problema no tocar o tambor. Hoje o problema seria a mulher saltar o tambor, passar por cima ou de tocar em hora inoportuna que não seja o momento de tocar d a pessoa estar tocando, então com relação à mulher tocar o tambor, pode! De certa forma é algo negativo e por outro lado é bom. Hoje em dia os tamborzeiros que tocavam não tem mais então tem mulheres que querem, que se preparam para aquilo e hoje há um respeito, quando elas estão no período delas, coisas que não podem no barracão elas respeitam, elas respeitam o tambor então de certa forma tem o lado positivo e o lado negativo dentro disso tudo.”¹⁶

Geysiel como alguém que cresceu em contato com familiares médiuns donos de terreiro e hoje tendo o seu próprio barracão tem a propriedade de abordar sobre as mudanças que ocorreram com relação às formas de serem exercidas as práticas no terreiro. Quando o assunto é relacionado a uma nova conduta dentro dos terreiros, principalmente no objeto tambor e a figura da mulher dentro do barracão, o médium expõe sua opinião a respeito de o que não podia no terreiro na época do seu avô e o que pode hoje nos terreiros atuais. Percebemos que acerca desta questão, Geysiel se mostrou um tanto conservador, e ao mesmo tempo diz respeitar e ver um lado positivo nessa mudança com relação ao toque do tambor, apesar de reconhecer que embora preferisse os tempos do seu avô, a mulher tocando tambor e uma forma de evitar que terreiros se fechem, devido os homens estarem menos envolvidos nos últimos tempos. Portanto, compreendemos que a Umbanda tem seu próprio modo de organização e estrutura. A partir de tudo que foi abordado pelos autores e o umbandista o leitor poderá perceber como realmente a Umbanda se estrutura, dessa maneira barrando preconceitos estruturais e dando lugar ao conhecimento.

O sincretismo religioso é fruto de um processo histórico da colonização, escravidão, imposição e lutas e que hoje é parte da cultural brasileira. Durante o

¹⁶ Entrevista com Geysiel no dia 16/05/2025, em Oeiras, Piauí.

período colonial o catolicismo impôs aos povos africanos o culto à tradição cristã, mas esses povos como maneira de resistência encontraram meios de forjar o sistema e continuaram adorando seus deuses realizando associações de imagens de santos com os orixás. Essa prática que antes era uma resistência à sobrevivência da fé negra no período colonial, nos dias de hoje é uma prática religiosa que mistura tanto entidades quanto santos católicos.

“Os negros eles não podiam cultuar, não podiam cultuar nenhum de seus ancestrais, então o que eles faziam? Eles pegavam o ancestral enterrado no chão, pegava um santo católico e botava em cima para representar, para dizer que estavam cultuando o santo católico. Onde houve esse sincretismo, miscigenação então hoje tem a Umbanda com os orixás os guias e com os santos católicos dando a representação do chamado sincretismo religioso que é no caso, São Jorge é Ogum, Santa Bárbara é Iansã, Senhora Santana ser Nãna e por aí sucessivamente”¹⁷.

Geysiel faz uma pontuação histórica quando explica acerca do sincretismo religioso. O pai de santo buscou explicar porque no altar de seu terreiro existem imagens católicas. O fato de negros não poderem demonstrar suas práticas religiosas, eram enterrados os seus deuses e em cima posto uma imagem de um santo católico. Vera de Oxaguiã (2009), também faz essa pontuação histórica dizendo que se tratava de uma resistência do povo negro diante das imposições católicas, para isso era usado de camuflagens com os santos para poder adorarem seus deuses sem repressão. Tanto Geysiel quanto Oxaguiã voltam ao passado para tentar explicar o presente, em busca de frisar essa coincidência de imagens tanto nas igrejas católicas quanto nos terreiros de Umbanda.

Embora o sincretismo tenha introduzido detalhes do catolicismo nas práticas religiosas afro-brasileiras, não significa que sejam iguais e com isto quero dizer que o preconceito e a intolerância continuam, não foi eliminado o desrespeito para com os praticantes de terreiro. O uso de objetos sagrados para os umbandistas muitas vezes é algo que causa aversão aos alheios à sua fé, o que acaba gerando receio em algumas pessoas de sair por exemplo, com suas guias no pescoço.

A respeito disso, o pai de santo relata usar sua guia mesmo diante de tamanho preconceito, o que é algo louvável, pois muitos deixam de expressar sua fé por medo de agressões físicas e verbais. Geysiel vai além, e fez uma crítica aos católicos

¹⁷ Entrevista realizada no dia 16/05/2025, com o pai Geysiel de Ogum na cidade de Oeiras Piauí.

oeirenses, que no entendimento dele, parecem cultivar uma fé apenas por obrigação e não por um sentimento religioso.

“Nunca! Sempre tive coragem de dar a cara a tapa”. De fé, a fé é pouca! A pessoa cultua a fé só por causa da procissão, por causa disso ou daquilo, porque tem muita igreja, porque é velha não adianta, a fé tem que tá no coração daqueles. O ruim de muitas pessoas que dizem que tem fé é que acabam saindo da própria fé, pois como que eu tenho fé em Deus e eu estou preocupado com o Deus do outro? Como que tenho a fé em um Deus supremo e estou preocupado com a vida do outro? Então eu acho assim, cada um adora a sua fé, da sua forma, porque só é um Deus, então por ser um lugar que diz que é de muita fé tá faltando mais fé no coração”.¹⁸

Geysiel se mostra um rapaz que não se deixa abalar com opiniões que atacam a sua crença e sempre esteve pronto para usar seus objetos com devoção, como por exemplo a guia. O pai de santo, mesmo em uma cidade de preconceito velado com os terreiros, não deixou de cumprir seu papel de umbandista e principalmente, de alguém que representa um terreiro por ser pai de santo. Geysiel chamou a atenção para o título de capital da fé atribuída a Oeiras, segundo ele, o fato dos católicos parecerem fazer as passeatas com o santo ou qualquer outra doutrina do catolicismo por obrigação, pelo simples fato de ser uma tradição antiga, acabou virando uma rotina ano após ano e não somente guiada pela fé. O pai de santo fez uma outra crítica ampla tanto aos católicos como também aos protestantes de Oeiras, pois o médium diz que estão mais preocupados com o Deus do próximo do que com suas práticas.

Na mesma perspectiva do diálogo anterior, pai Geysiel de Ogum, explicou ser alguém caseiro, e que diferente de muitos moradores da cidade, está mais preocupado de fato com a sua própria fé, mas se sente desrespeitado quando a sua vida e sua fé são motivo de preconceito.

“Eu sou o tipo de pessoa que não sou de sair, vivo na minha casa e não gosto de ficar vendo esses outros lados, eu levo a minha vida normal, então de certa forma nunca me abalou esse capital da fé, mas sinto que faltava o acolhimento, pois aí a fora se você parar para analisar pode botar um alguidar com o'padê para Exu em uma encruzilhada; pode ir no cemitério botar um o padê para Exu, pode ir na igreja com respeito e é um monte de coisa que aqui na nossa cidade não tem! Dizem que vão valorizar, valorizar o que?”¹⁹.

¹⁸ Entrevista realizada no dia 16/05/2025 com Geysiel de Ogum em Oeiras, Piauí.

¹⁹ Entrevista com Geysiel de Ogum, na cidade de Oeiras Piauí no dia 16/05/2025 no Terreiro Tenda de São Jorge Guerreiro.

Geysiel, quando afirma não está preocupado em ver a fé dos outros, e sim com a sua própria, na verdade, mostra que mesmo estando sempre em casa e preocupado com sua religião, é notável pelas falas do médium, que o rapaz não está à toa dos preconceitos da sua cidade, apenas prefere seguir sua vida. Mas toda esta reclusão pode estar ligada com o fato de, por serem silenciados, preferirem estarem mais afastados para evitar problemas. Geysiel explicou que devemos nos preocupar em nos disciplinar como seres humanos e prestarmos mais atenção em nós e não nos erros alheios. O médium também disse que Oeiras não está evoluindo no sentido das religiões de matrizes africanas, está se tornando tardia diante de algumas permissões em contraste com outras cidades mais jovens.

Existe na fala de Geysiel uma indignação por sua cidade ser uma referência histórica e mesmo assim não buscar em nenhum momento uma aceitação dos terreiros:

“Para ser sincero só Deus é quem pode parar com o preconceito porque fizeram uma lei para que não haja mais racismo ou outro tipo de preconceito, mas de certa forma vai agir da mesma forma porque em primeiro lugar os protestantes são os primeiros, eles não estão nem aí. Um dia uma mulher veio na minha casa, na minha porta e disse assim... eu não tinha o barracão, só meus santos e ela falou ‘Ah, jogue essa santa no lixo, ah você tá adorando!’ Eu respondi: Eu tenho ligação com Deus e tenho respeito à representação dessa imagem, agora se você não está gostando, a porta que você entrou que lhe sirva de saída para sua casa, você tem haver com a sua fé e o que você faz na sua casa. O que eu faço na minha casa você não tem nada a ver”²⁰.

Geysiel já com um semblante pensativo compartilhou desacreditado disse que só o próprio Deus pode interferir no preconceito que os umbandistas sofrem, pois as leis são falhas. Como uma pessoa negra que sente ser, ele vai além em suas palavras, e diz que não somente as leis contra intolerância religiosa não são cumpridas, mas as leis contra o racismo também, pois ambas são ligadas. As falas do médium transmitem um sentimento de dor, inconformismo e indignação que ele tem com a ausência de punições diante dos preconceituosos.

Oxaguiã (2009), explica que o preconceito repercute nos dias atuais, a perseguição ainda ocorre de uma maneira significativa não apenas contra o Candomblé

²⁰ Entrevista com Geysiel de Ogum, na cidade de Oeiras Piauí no dia 16/05/2025 no terreiro Tenda de São Jorge Guerreiro.

e Umbanda, mas outras religiões afro-brasileiras também sofrem. Entretanto, os praticantes não devem permitir desrespeito e a ausência dos direitos e da liberdade ou as ofensas lançadas contra as crenças. O pai de santo relatou que certo dia uma mulher o interpelou dizendo que ele era adorador de imagens e que as imagens deveriam ser jogadas no lixo. O médium acabou cumprindo o que Oxaguiã disse ser a atitude de um praticante de terreiro, não abaixou a cabeça diante das ofensas e dos desrespeitos, mas estar disposto a defender seu ambiente religioso.

Nogueira (2020), aborda que os ataques contra praticantes de religião afro-brasileira não ocorrem apenas nos terreiros, vão muito além disso, pois muitas vezes são atacados física e verbalmente nas ruas e próximo a igrejas neopentecostais. Segundo pesquisas realizadas, 27% das agressões são realizadas por vizinhos em geral, os vizinhos evangélicos ocupam a terceira posição de agressões sendo responsáveis por 7% desses casos.

Não é atoa que o pai de santo Geysiel de Ogum teme a possibilidade de uma procissão com as suas imagens, é nítido as agressões verbais e físicas que esses praticantes de religião afro-brasileira sofrem. O medo e a dor são reais e isso explica porque o pai de santo prefere ficar em casa. Portanto, é notável percebemos os reais motivos que levam os terreiros ainda se localizarem nas áreas mais rurais das cidades. A intolerância religiosa existe e quando nos direcionamos para a cidade de Oeiras-PI, esse preconceito religioso é velado.

É importante perceber que a intolerância religiosa se manifesta até os dias atuais e que é sustentada por discursos de pessoas que se sentem superiores, cheias de moral e principalmente donos da verdade. Oeiras como cidade que carrega uma historicidade rica e centralizada no catolicismo, é palco de intolerância religiosa e silenciamento dos terreiros de Candomblé e Umbanda. A respeito de traços de intolerância na cidade de Oeiras, é visível o que essas atitudes geram nos praticantes de terreiro a partir das falas de Pai Geysiel de Ogum:

“Em outros lugares podem passear, fazer procissão, aqui em Oeiras não! Aqui se eu sair em procissão e batendo tambor o primeiro a me jogar uma pedra é meu vizinho, vai parar minha procissão para me discriminar. Então é tudo mais complicado para nós, não podemos fazer nada. Cidades próximas a nossa tem mais coisas evoluídas que a nossa que se diz ser velha”.²¹

²¹ Entrevista realizada com Geysiel de Ogum, no dia 16/05/2025 em Oeiras, Piauí.

Geysiel com semblante de indignação, se mostra chateado pelo fato de ver procissões na cidade, mas não poder fazer a sua procissão, por conta da intolerância religiosa presente nos moradores oeirenses alheios às práticas de terreiro. As falas do dono do barracão mostram a sensação que é ter uma religião, desejar cultuá-la, mas não poder, não por não ter estrutura, mas por sua própria cidade não lhe aceitar. Oxaguiã (2009), também indaga essa intolerância que está enraizada na população. Ver um santo em procissão, conduzi-lo para praças públicas, rezar em meio às ruas com a voz bem alta, velas acesas, quando na verdade os candomblecistas e umbandistas também tem esse direito.

Perceba que, tanto Geysiel quanto Oxaguiã, são praticantes de terreiro, mas não vivem no mesmo local, o que quero chamar a atenção é que a intolerância religiosa está presente por toda parte e os umbandistas e candomblecistas tem pensamentos que se conversam justamente por serem tratados com desprezo e descaso e sendo assim os mais machucados diante de um Brasil intolerante, país esse que é fruto da miscigenação e um país negro. Nogueira (2020), explica que o preconceito, a intolerância e a discriminação, são fortes quando o assunto é a cultura expressa das religiões de origem africana. O Racismo é presente nas atitudes que tornam essas religiões estigmatizadas e engrandecem as demais religiões, tudo isso sustentado pela ignorância, moral e pensamentos conservador da população alheia aos terreiros.

Portanto, é evidente que as experiências contadas por Geysiel não são algo isolado da cidade que ele habita, mas é algo amplo que está enraizado e faz parte de uma estrutura padrão que é a intolerância religiosa. As abordagens dos autores como a Oxaguiã (2009) e o Nogueira (2020) nos permitem a observação o negacionismo com as religiões afro-brasileiras que é fruto de uma herança que mostra o catolicismo como centro da verdadeira crença e que condenam as práticas alheias.

Outro personagem importante para nosso trabalho é Adalberon Mendes da Silva (conhecido por Bella). Mulher trans, moradora da cidade de Oeiras-PI. O primeiro contato que estabeleceu com a religião de matrizes africanas foi a partir de uma conversa que teve com um babalorixá, que certa vez foi ao seu local de trabalho e lhe chamou a atenção, pois segundo ela, ele compartilhou detalhes de sua vida sem a conhecer.

“Meu nome é Adalberon Mendes da Silva, nome de guerra Bella, que eu sou uma trans masculina na cidade, né? Atualmente eu estou só em casa, mas trabalhei durante 8 anos na Secretaria de Assistência Social do município de Oeiras, mas no momento minhas atividades são mais domésticas. Também trabalho no terreiro ao qual faço parte

que é o terreiro de Oxumaré, eu faço lá os trabalhos, o meu babalorixá me contrata para fazer”.²²

Bella relata ser uma pessoa que um dia trabalhou com o público quando ocupou um cargo na Secretaria de Assistência Social, mas ultimamente se dedica aos afazeres domésticos e também, quando necessário ajuda o babalorixá Gildeon nos trabalhos do terreiro. O terreiro que Bella frequenta, chama-se Egibé de Oxumaré, e se encontra sempre de portas abertas e se mostra acolhedor para ela, uma mulher trans e isso é perceptível nas suas falas quando demonstra se sentir bem no ambiente. Bella explica que diferente das religiões cristãs, no Candomblé não é necessário ser uma outra pessoa completamente diferente do que é para ser aceito, mas a ter respeito consigo mesma, e se conhecer melhor como ser humano. Segundo

Prandi(1996), diferente das religiões cristãs, o Candomblé não faz discriminações com pessoas rejeitadas pela sociedade, como por exemplo, bandidos, adúlteras e pessoas LGBTQUIAPN+. Não é uma religião que passa mensagem de mudança ou tenta transformar os seres humanos como diz a Teologia de Libertação do catolicismo, que tenta substituir esse mundo por outro.

Tudo é fruto de um processo, nada surge pronto. E assim também são as casas de Candomblé. As estruturas que muitas vezes observamos, muito bem feitas e cheia de detalhes, um dia foi algo inicial e simples que com esforço e dedicação dos membros do local foi crescendo cada vez mais.

“O terreiro é dividido em duas partes, a parte dos espíritos e a parte que pertence ao dia a dia manual. Eu tenho 8 anos que frequento o terreiro, quando eu entrei já estava levantado então eu costumo dizer que tem em média uns 10 anos que o terreiro existe, mas eu ainda peguei ele em construção. Ele fica situado na comunidade canã próximo ao mural Bom Jesus dos Passos, então você pode ir tanto pelo acostamento canã, quanto pelo residencial do bom Jesus que é um loteamento.”²³

Vera de Oxaguiã (2009), mesmo não abordando a criação de um terreiro em específico, ainda sim trabalha com explicações teóricas de como são organizados os espaços dos terreiros, e faz isso como se fosse um manual para quem não conhece

²² Entrevista com Bella, Oeirense e candomblecista do terreiro Egibé de Oxumaré no dia 29/05/2025.

²³ Entrevista realizada no dia 29/05/2025 com Bella, candomblecista do terreiro Egibé de Oxumaré, presente na cidade de Oeiras-PI.

o Candomblé. Na fala de Bella percebemos que a explicação da criação de seu terreiro de maneira mais particular, mas mesmo assim, existe conexão com os escritos de Oxaguiã (2009).

Bella de maneira muito pessoal explica como foi a sua entrada para o terreiro Egibé de Oxumaré. Terreiro situado na comunidade Canaã em Oeiras, Piauí.

Segundo a candomblecista:

“Eu entrei no terreiro, pois uma vez ele (Gildeon) foi até a loja que eu trabalhava e praticamente me contou toda a minha vida. Nessa época eu tinha um namorado e essa pessoa chegou e disse que ele me traía fazia absurdo por minhas costas e eu não sabia e depois que me disse eu fui observar e percebi que tudo fazia sentido”²⁴

A experiência de Bella mostra que a religião se aproximou dela em um momento de vulnerabilidade, pois logo em seguida às falas do pai de santo, aquilo que ele havia dito se cumpriu. O impacto da fala de Gildeon contribuiu para um despertar espiritual e acolhimento na religião, seguida da resolução de um problema pessoal delicado, sendo assim, Bella acabou encontrando apoio no terreiro. O relato nos mostra que o terreiro não é algo apenas no seu ambiente, mas se faz presente nas rotinas humanas e pode levar consolo e acolhimento e reconstrução para os que passam por problemas. Segundo Oxaguiã (2009), existem diversos motivos para que o ser humano busque o Candomblé desde a busca para melhorar a saúde, ligação com pessoas do espaço, interesse em estudar e também pelo chamado dos orixás. Oxaguiã deixa claro que o Candomblé não é uma religião que catequiza, ela é procurada.

No que diz respeito à entrada de Bella, percebemos que ela entende a sua chegada à religião como um chamado, e isso, a fez acreditar que talvez algum Orixá possa tê-la guiada até Gildeon para que a partir de uma conversa, tocar o coração de Silva para a espiritualidade. O fato é que tanto no Candomblé quanto na Umbanda, os frequentadores acreditam em uma força natural, força essa que os chamam e os atraem, e a conexão com os próprios médiuns costumam ser dita da seguinte forma: “Você tem um chamado da espiritualidade”.

Os sujeitos que trabalhamos aqui para esta pesquisa acreditam que a religiosidade quando desejada pelo ser humano é algo revigorante e sinônimo de paz

²⁴ Entrevista realizada com Bella, no dia 29/05/2025 em Oeiras, Piauí.

de espírito. Quando despertados para buscar a espiritualidade buscam também algo que os acolha e tenha significado. Bella no contexto da sua fé, a candomblecista relata da seguinte maneira:

“O terreiro representa tudo na minha vida! O terreiro é um complemento ou a minha vida, tudo que eu faço é pensando no terreiro. Até em uma viagem que não dá certo, tem um dedo das entidades, então tudo que eu planejo tem que ter o planejamento com as entidades²⁵”.

Dessa forma, segundo Marega(2023, p.111), As entidades e Orixá que através dos corpos dos médiuns vem e se manifesta para ajudar os médiuns no seu desenvolvimento pessoas com amor próprio para organizar a vida. Bella, mostra que se dedica fielmente ao terreiro desde o momento que está dentro do local, como também fora. Sempre buscou obedecer o conselho das suas entidades para tudo o que fosse realizar, pois são seus conselheiros, e isso mostra que para os seus seguidores, o terreiro é algo para a vida, ou melhor para organizar a vida do médium.

Os terreiros e suas práticas são alvos de zombaria e desrespeito por aqueles que não se importam em estudar a religião, mas sim criticar. Candomblecistas são alvos de intolerância religiosa e as entidades são abordadas em tom de brincadeira e galhofa em religiões cristãs e em algumas igrejas são feitos momentos de expulsar demônios. A Respeito disso, segundo Bella:

“Eu percebo uma resistência da parte das pessoas que não são do terreiro! A espiritualidade não é brincadeira, a religião que mais brinca com os espíritos é a dos protestantes, pois eles dizem que ali é Exu caveira, que é uma moça que está incorporada e fazendo mal e usando aquela pessoa dentro da igreja, então começam a esculhambar, zombar e tanto Exu Caveira, Capa Preta, Dona Pomba Gira só fazem o que eles tem que fazer, não são espíritos que zombar. Ali pode ter sido um egum que baixou naquele determinado momento e estão se passando por pomba gira ou qualquer outra entidade e fazendo zombaria. Se trata de espíritos que não evoluíram, o que chamam de encosto”²⁶.

É notável o preconceito que os praticantes de terreiro sofrem na cidade de Oeiras, Piauí. Assim como foi abordado a partir das experiências de Geysiel e Bella

²⁵ Entrevista realizada com Bella, no dia 29/05/2025 em Oeiras, Piauí.

²⁶ Entrevista com Bella, na Cidade de Oeiras, Piauí, no dia 29/05/2025.

também se mostra frustrada com o fato de sua religião ser tão mal vista e não compreendida, e chama a atenção para os cultos evangélicos, onde brincam com as entidades sem ao menos conhecê-las. O médium compartilha que a falta de conhecimento gera equívocos, e deboche para com pomba gira, Tranca Rua ou qualquer outra entidade sem ao menos saber o que significa e representa. É comum um católico ou protestante dizer que uma entidade é um demônio. Segundo Oxaguiã (2009), o Candomblé não pode ser chamado demoníaco, pois na religião não existe essa crença, como também não existe o inferno.

Bella acredita que o preconceito é algo real e resultado de uma falta de conhecimento da parte dos que acusam as religiões de matrizes africanas, sendo eles católicos e protestantes. Silva lança uma crítica ao dizer que em casos relacionados a crimes como pedofilias é mais visto pastores e padres envolvidos do que um pai ou mãe de santo. A médium mostra a hipocrisia presente nos líderes religiosos. Segundo Bella:

“O protestante vai nos atacar, o católico vai nos atacar, mas quem que nos ataca? quem não tem conhecimento e argumento. Você já viu pai ou mãe de santo envolvidos em escândalos como pedofilia, crime? se tem, não estourou a bomba ainda! Mas você vê escândalos na religião protestante, na religião católica e até na espírita, pois teve até aquele caso do João de Deus, que são pessoas que se vangloriam e se aproveitam da fé e se aproveitando da fé alheia.”²⁷

Diante de todo o exposto no seguinte trabalho, é evidente o silenciamento dos terreiros em Oeiras, e é notável a percepção tanto de umbandista como de candomblecistas. As entrevistas que foram realizadas mostram a intolerância religiosa tanto pela falta de conhecimento a respeito das religiões Umbanda e Candomblé, como também pela influência do catolicismo como fé centralizada na cidade de Oeiras. As entrevistas mostram não apenas dor e frustração por conta da intolerância e do descaso para com os terreiros, mas também a luta de um povo que em meio a tanto silenciamento não deixa de exercer sua fé.

Esse estudo contribui para a diminuição do silenciamento dos terreiros de Oeiras Piauí a partir do momento em que a voz dos praticantes de Umbanda e

²⁷ Entrevista com Bella, no dia 29/05/2025 na Cidade de Oeiras, Piauí.

Candomblé são ouvidas e ganham espaço de se mostrarem a partir da sua própria perspectiva, deixando então de ser contadas pelos preconceituosos e passando a ser explicada de maneira correta por seus próprios fundadores e atuantes.

Considerações finais

O intuito deste trabalho foi compreender a percepção dos atuantes dos terreiros de Umbanda e do Candomblé em Oeiras acerca dos silenciamentos que suas religiões sofrem na cidade de Oeiras, Piauí. O uso da História Oral como metodologia permitiu o contato com estes sujeitos e através disso foi percebido não apenas o impacto do preconceito que gera este silenciamento, mas também mostra a força e estratégias de resistência que os umbandistas e candomblecistas tem diante da cidade cujo religião central é o catolicismo.

As entrevistas foram realizadas com o umbandista Geysiel, pai de santo do terreiro São Jorge Guerreiro e com Bella, candomblecista, ambos oeirenses. As falas desses dois personagens fornecem para o trabalho informações ricas para se compreender tanto a Umbanda como também o Candomblé a partir das vozes dos próprios praticantes. Além disso, é possível compreender que a intolerância religiosa não é algo exclusivo de Oeiras, muito pelo contrário, se faz presente de maneira ampla e está enraizada, pois é fruto de um processo histórico de uma marginalização religiões afro-brasileiras e tudo que se relaciona aos descendentes de africanos.

O trabalho mostra que assim como existe o preconceito enraizado, existe uma resistência da parte dos terreiros que mesmo diante de tantas adversidades desde o início, não se deixam ser excluídos, pois continuam suas práticas em meio a uma sociedade que tem o preconceito religioso velado. Diante de uma cidade que se centraliza em uma moralidade católica, os terreiros continuam sua luta incansável para manter sua cultura e seus ritos de fé.

Conclui-se que os preconceitos que os terreiros em Oeiras, Piauí sofrem é um problema sério e se torna mais visível ao ouvir relatos das vítimas. Esse artigo ao dar vez e voz para esses povos se expressarem, busca contribuir com o fim do apagamento dos terreiros na respectiva cidade e, além disso, fortalecer o direito dos atuantes se expressarem, possibilitando assim o surgimento de uma sociedade mais ampla no sentido de religiões e a promoção, através do conhecimento, do respeito a uma fé com ritos diferentes ao catolicismo oeirense.

POST SCRIPTUM

Em homenagem a uma médium da família.

O seguinte trabalho não é algo apenas fruto de leituras acadêmicas e uma urgência por um Trabalho de Conclusão de Curso-TCC, mas é fruto de uma vivência dentro de casa que começou muito antes de pensar em me tornar universitária. Desde criança acompanhei uma mulher muito importante para mim. Uma mulher que passa com muita profundidade de conhecimento e respeito, o que é ser médium. A Médium que embora não tivesse uma doutrina de frequentar terreiros, mas que inúmeras vezes recebeu em sua coroa um caboclo que ao chegar trazia alívio aos doentes e qualquer um que necessitasse de sua ajuda através de rezas e remédios.

Este trabalho é carinhosamente dedicado a essa mulher que hoje tem seus 85 anos e que é um dos meus maiores exemplos na vida, dedico ao próprio guia Pindaré, sem ambos, esse trabalho não existiria. Caboclo do Pindaré em suas chegadas sempre chamava a atenção, pois era impossível não observar atentamente cada gesto no corpo daquela médium que assim que recebia logo nos perguntava “Quem pode mais do que Deus?”, para mim sempre foi lindo! Após esse momento logo Pindaré entoava seus pontos “Eu venho do Codó, lá do Codó eu venho, sou Caboclo do Pindaré, ô da maré de famá”; “Oh mamãe está me chamando, oh Terezinha de Jesus, é mais sou eu Terezinha, ô Terezinha de Jesus”; “Mais foi assim que eu cheguei, oh dá maré de famá, sou caboclo do Pindaré, oh da maré de famá”.

Atrevo-me a dizer que é como se esse Caboclo Pindaré fosse da família, é como se mesmo sem suas vindas frequentes, de maneira silenciosa estivesse sempre olhando por nós. Dedico o trabalho inteiramente a essa mulher médium, forte e guerreira que sempre me ensinou o que é a vida e que me ensina até hoje e também a um familiar distante que com a autorização divina sempre nos protege mesmo que de longe, o Caboclo Pindaré.

Fontes

História Oral

Entrevistas:

Geysiel, Pai de santo 19 anos de idade. Umbandista da Cidade Oeiras-PI; Ano de 2025.

Adalberon Mendes da Silva(Bella), Candomblecista da Cidade de Oeiras Piauí; Ano de 2025

Referências bibliográficas

ALBERTI, Verena. Manual de história oral.3.ed.Rio de Janeiro:FGV Editora, 2005.

BORGES, Mackely Ribeiro. **Gira de escravos na umbanda de Salvador - BA. Salvador:** Universidade Federal da Bahia, 2005. Trabalho apresentado no XV Congresso da AN. P.POM.

FRANCISCO, Letícia Alberto. **Pontos de conexão:** pontos cantados de Umbanda em registros e reflexões. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Música Popular) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Departamento de Música, Porto Alegre, 2023.

LIMA, Solimar Oliveira. **A mão de Deus e a mão do homem:** natureza e trabalho na formação social do Piauí escravista (Brasil, séc. XVII–séc. XIX). Revista Piauiense de História Social e do Trabalho, Parnaíba–PI, ano 1, n. 1, p. 39–49, jul./dez. 2015. ISSN 2447-7354.

LOPES, Tadeu Mourão dos Santos. **Encruzilhadas da cultura:** imagens de Exu e Pombajira na Umbanda. 2010. Trabalho acadêmico (Instituto de Artes) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

MARTINS, Giovani. **Umbanda das Almas e Angola:** aspectos históricos e ritualísticos do segmento da umbanda referência Santa Catarina.

MOTT, Luiz. Transgressão na calada da noite: um sabá de feiticeiras e demônios no Piauí colonial. Texto de História, v. 14, n. 1/2, p. 621-670, 2006.

MAREGA, Rosane Peres Alves; ARRUDA, Ricardo Sinigaglia. **Mãe Rosane D'lansã:** Umbanda, Candomblé e luta contra a intolerância religiosa. Expedições, Morrinhos, v. 16, p. 105-117, jan./jun. 2023.

NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância religiosa.** Coordenação : Djamila Ribeiro. Coleção, Feminismos Plurais. São Paulo: Jandaíra, 2020.

OXAGUIÃ, Vera. **O CANDOMBLÉ BEM EXPLICADO:** Nações Bantu, Iorubá e Fon. PALLAS. RIO DE JANEIRO (2009).

PRANDI, Reginaldo. **Deuses africanos no Brasil contemporâneo** (Introdução Sociológica ao Candomblé de Hoje). FFLCH (1995).

PARÉS ,N, L. **A FORMAÇÃO DO CANDOMBLÉ**: História e ritual da nação jeje na Bahia. 3-São Paulo; Editora da Unicamp, 2018

PRANDI, **Reginaldo. Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

PRANDI, Reginaldo. As religiões negras do Brasil: para uma sociologia dos cultos afro-brasileiros. Revista USP, São Paulo, n. 28, p. 64-93, dez. 1995/fev. 1996.

ROHDE, Bruno Faria. **Umbanda, uma religião que não nasceu**: breves considerações sobre uma tendência dominante na interpretação do universo umbandista. Revista de Estudos da Religião, São Paulo,v.1,n.1,p.77-96, mar.2009.

THORNTON, K, John. **A ÁFRICA E OS AFRICANOS NA FORMAÇÃO DO MUNDO ATLÂNTICO (1400-1800)**. Tradução ,Marisa Rocha Motta; coordenação editorial Mary Del Priore; Revisão técnica, Márcio Scalercio. Rio de Janeiro, Editora Campus/Elsevier,2004, 436 página. XVIII.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus e Nossa Senhora pela ajuda em cada momento de meus trabalhos, não apenas no TCC, mas em todo o percurso da caminhada e por ter me proporcionado chegar até aqui. Agradeço de coração os meus pais Maria Luiza Vieira de Oliveira e Edson Martinho de Oliveira por fazerem sempre o possível para me manter financeiramente e emocionalmente bem. Sempre me apoiaram em minhas escolhas, me ensinaram a ser grata por cada conquista da Uespi e aprender a reconhecer minhas pequenas vitórias e principalmente, não desanimar diante das adversidades.

Quando se traça um objetivo acredito que desde o início é necessário um esforço, fé e pessoas que estejam ao nosso lado nos dando incentivo na caminhada. Meu profundo carinho e admiração às minhas avós Eulina Maria de Jesus e Lucília Maria Barbosa de Oliveira, mulheres fortes e que para mim são um dos meus maiores exemplos e mesmo não sendo pessoas que tiveram um nível de estudos, sempre fizeram questão de me incentivar a estudar me esforçar e vencer na vida.

Agradeço imensamente a alguém que não se encontra mais entre os vivos, mas que quando iniciei a caminhada na Uespi torceram desde o momento do Enem para que conseguisse a aprovação. Passei no Enem e hoje estando mais perto de encerrar o curso de História me lembro de cada palavra amiga que recebi do meu tio Pedro

Martinho de Oliveira, e que hoje tanto seus conselhos como sua passagem nessa terra está e assim permanecerá em minha memória. Meu eterno respeito e gratidão!

Meu profundo respeito e admiração aos professores da Universidade estadual do Piauí-UESPI- Oeiras, que tornaram possível essa caminhada e buscaram sempre nos compreender e conduzir de forma leve e respeitosa. Meu carinho e admiração a todos, em especial, Dra Pedrina Nunes Araújo(orientadora), Mestra Diná Schmidt e Dr. Leandro N. Souza.

De uma forma mais ampla, obrigada por cada familiar e amigo que da sua maneira me ajudou nesse longo processo que está prestes a se encerrar, a Uespi.